

WISNIK, JOSÉ MIGUEL. MAQUINAÇÃO DO MUNDO: DRUMMOND E A MINERAÇÃO. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2018.

Marcelo Freddi Lotufo¹

Resumo: Resenha de *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*, livro de José Miguel Wisnik que investiga a mineração na poesia de Carlos Drummond de Andrade.

Palavras-chave: Drummond; mineração; modernismo.

Abstract: Review of *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*, by José Miguel Wisnik. The book inquires into the relationship between Carlos Drummond de Andrade's poetry and the history of mining.

Keywords: Drummond; Mining; Modern.

Maquinação do Mundo: Drummond e a Mineração, de José Miguel Wisnik, explora, como indicado pelo título, a mineração na poesia do poeta itabirano. Poeta da pedra no meio do caminho, Drummond investigou, tanto em sua poesia como em suas crônicas, a sua cidade natal de Itabira, cidade onde surgiu a maior companhia mineradora de ferro do mundo – a Vale do Rio Doce. Nesse sentido, a mineração parece uma entrada lógica para a sua obra; uma maneira de conectar a história, a memória, e a poesia de Drummond. Mas, assim como as montanhas de Cláudio Manuel da Costa pareceram para seus primeiros leitores abstrações tiradas de uma arcádia mitológica, as montanhas em Drummond, ou o ferro incrustado nas calçadas de Itabira do Mato Dentro foram tomados como metáforas nem sempre ligadas à realidade

¹ Pós-doutorando do Departamento de Teoria e História Literária (IEL) – Universidade Estadual de Campinas; bolsista Fapesp (Processo n. 2017/18432-5): <lotufolda@gmail.com>.

da extração mineral. O ferro preso nos sapatos de Itabira, entretanto, como o barro das botas de Van Gogh, merecem ter a sua história contada e nos dizem mais do que gostaríamos de escutar. Recuperar a presença da mineração em Drummond, assim como a sua gênese no Brasil, é um caminho para reler as lembranças do poeta conectando-as com a história da modernização brasileira e mundial. Afinal, o ferro do morro do Cauê, extraído e enviado para diferentes cantos do globo, foi transformado em carros, em grandes edifícios nas capitais europeias ou brasileiras; foi transformado em ferramentas e escavadeiras para se extrair mais ferro e se fazer mais carros e edifícios ainda maiores.

A mineração, como mostra Wisnik, é uma das linhas de forças temáticas da poesia de Drummond; algo que organiza sua carreira e retorna de formas diversas durante toda a sua vida em poemas mais ou menos oblíquos. Dos versos engajados de *Sentimento do mundo* (1940), aos reflexivos de *Claro enigma* (1951), ou aos memorialistas de *Boitempo* (1968-1979), a mineração e o ferro de Itabira são um tema recorrente. Do mesmo modo, a transformação da pequena cidade emerge em todas as facetas possíveis: a compra de terras ditas inférteis por estrangeiros, a elevação da pequena vila a epicentro da mineração mundial, a vinda de operários de outras regiões do Brasil e o desaparecimento gradual do morro do Cauê, grande tesouro ferrífero da cidade. O morro, aliás, vítima da extração de minério, abandona a sua condição de presença maciça na paisagem para se tornar um grande vazio no horizonte, processo descrito por Drummond no poema “A montanha pulverizada” (*Boitempo*): “a serra do meu pai e avô,/ de todos os Andrades que passaram/ e passarão, a serra que não passa” (ANDRADE, 1992, p. 609). Uma montanha que, numa manhã, o poeta simplesmente percebe não estar mais lá:

Esta manhã acordo e
não a encontro.
Britada em bilhões de lascas
deslizando em correia transportadora
entupindo 150 vagões
no trem-monstro de 5 locomotivas
o trem maior do mundo, tomem nota
foge minha serra, vai
deixando no meu corpo e na paisagem
mísero pó de ferro, e este não passa
(ANDRADE, 1992, p. 609).

Centro simbólico do horizonte Itabirano, elemento referenciado diversas vezes na poesia de Drummond, o morro sobrevive somente na memória do poeta e dos demais itabiranos que, agora, também precisam elaborar (e lamentar) a sua melancólica ausência.

Wisnik mostra que o tema da mineração, para o poeta, foi uma preocupação que transcendeu seus versos. Como colunista em diferentes jornais, Drummond encampou a luta da cidade contra a exploração exagerada pelos governos de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, que não se preocupavam em assegurar retorno pecuniário à região que alimentaria seus sonhos de modernização e progresso. As crônicas e artigos de Drummond revelam que, por trás do seu ensimesmamento muitas vezes taciturno, há também uma preocupação séria com toda uma cidade e uma disposição em enfrentar e denunciar uma modernidade que chega não para transformar a vida dos pobres, mas para aprimorar a exploração deles. Em um desses textos citados pelo autor, Drummond (*apud* p. 101) escreve:

Os proprietários de terra, que se extasiam um momento com o dinheiro fácil do negócio [a venda das terras férteis], coçam a cabeça, desencantados. O dinheiro acabou. Nada mudou em Itabira. A pobreza é a mesma. O inglês bebe. E o outro inglês não volta com as locomotivas e os altos-fornos?

Através da recuperação desses textos jornalísticos, Wisnik deixa claro como a mineração é uma questão que afligia o poeta e que a poesia deste, em outra potência, própria da sua forma e tradição, explora um drama real, ao qual o poeta se opunha enquanto jornalista e pessoa pública, mas contra o qual ele se descobriu impotente. Restaria, assim, denunciar a destruição e a exploração escondidas por trás de promessas de riqueza e progresso, uma história que é tanto de Itabira como do Brasil.

Além da história da mineração local e nacional, o livro de Wisnik incorpora em sua própria trama a maneira pela qual o crítico chegou ao tema central do livro, isto é, como ele percebeu, através de uma visita a Itabira, a importância da mineração para a poesia de Drummond. Ao incorporar a anedota da própria descoberta crítica, Wisnik convida o leitor a olhar para o seu livro também como manual de descobertas; como uma obra autorreferente que aponta para os próprios caminhos e desafios da crítica literária; uma obra preocupada não somente com Drummond, mas também com Itabira. Na cidade do poeta, Wisnik conta ter percebido em primeira mão como a memória pessoal e a história da mineração se chocam em Drummond, contando a história da devastação

que acompanhou a promessa de progresso na região. Na cidade, segundo Wisnik,

[...] o conjunto formado por pico, matriz, sino e fazenda, espectros em torno de um casarão estranhamente incólume e crivado de lembranças, acaba por compor um cenário de devastação em escala de *land art*, alegórico malgrado ele mesmo, com a montanha virada do avesso na forma de um sino descomunal, arruinado e de ponta cabeça (p. 37).

A descoberta do sumiço do morro do Cauê, o achado curioso que, de certa forma, dá origem ao livro, é somente um ponto de partida para outro percurso, o da revisitação da fortuna crítica do poeta, por meio do qual Wisnik mostra não somente a relevância do seu tema, mas também o longo caminho para se escrever um livro relevante. O crítico mostra ainda, mesmo que de forma inicial, a necessidade de ampliar a bibliografia para pensar a “devastação em escala de *land art*”, antevista pelo poeta e que começa a alterar a geografia e o clima do planeta, ameaçando ecossistemas inteiros. A crítica literária também precisa repensar termos como *desenvolvimento* e *progresso* à luz do Antropoceno e de uma compreensão mais complexa da relação entre homem e natureza. A maior parte do livro, entretanto, é dedicada a rever a bibliografia clássica sobre o poeta a partir da mineração, trazendo o poeta reflexivo de Itabira de volta ao mundo real da exploração capitalista.

Na primeira metade do livro, o crítico oferece uma releitura do memorialismo dos poemas de velhice de Drummond, com ênfase em *Boitempo*, livro tardio do poeta, no qual ele volta seu olhar para a Itabira de sua infância. Wisnik defende que ler esses poemas a partir da percepção de que a mineração e a luta para preservar sua cidade natal da sanha extrativista predatória pode melhor qualificar o aparente elogio do poeta ao mundo patriarcal/rural. A suspeita de que o poeta, na velhice, teria abandonado o engajamento e idealismo da sua juventude, quando desejou, em “Elegia”, de 1938, “dinamitar a ilha de Manhattan” (ANDRADE, 1992, p. 73), para assumir o papel de herdeiro do patriarcado, pautou importantes leituras desses poemas. Silviano Santiago (1981, p. 44), um dos propulsores dessa abordagem, aponta que após a Segunda Guerra Mundial, a sociedade, de uma forma geral, incorporou impulsos “repressivos, tradicionalistas e conservadores”, que teriam nascido de uma reavaliação da calma da *belle époque* através do prisma “da ideologia de consumo desesperado”. O poeta, nessa leitura, teria seguido os ventos do seu tempo, afastando-se dos impulsos anarquizantes de *Sentimento do mundo* e de *Rosa do povo*

e se reconectando com “os valores rurais e patriarcais, inscritos na “tábua da lei mineira de família” (SANTIAGO, 1981, p. 44). As preocupações do poeta com sentimentos universais, como solidariedade, seriam deixadas de lado, enquanto ele se voltaria a si mesmo, olhando com saudades para a sua infância. Assim, Santiago (1981, p. 56) conclui sua leitura com uma dura sentença: “inexoravelmente, tradição e conservadorismo invadem as páginas do tardio Proust mineiro, confundindo-se nos poemas o patriarcalismo na família e o mandonismo na vida política”.

Wisnik, entretanto, como já apontado, propõe outra abordagem. Junto às imagens da infância e de Itabira reconhecidas por Santiago, ele aponta que o poeta também recupera imagens da transformação da cidade e da mineração predatória, que o afligiram durante toda a sua vida. Na velhice, o poeta já estava ciente de que a luta que travou contra a mineradora foi perdida e de que o desaparecimento do pico do Cauê, assim como a modernização brutal instaurada no pós-guerra, eram irrevogáveis. A modernização e o “consumismo desesperado”, percebidos sagazmente por Santiago como o sinal dos tempos, e do próprio *Boitempo*, quando vistos a partir da luta de Drummond contra a mineração, não são aceitos de bom grado: suas memórias estão imersas na melancolia de quem sabe ter sido incapaz de impedir uma tragédia anunciada. Wisnik, assim, conclui em chave bastante diversa da de Santiago: “plácida e terrível em seu esfingético caráter tardio, a obra engana: soa como rememoração sonolenta ali mesmo onde se constitui violenta exposição de abusos antigos e contemporâneos, envolvidos no amor do tempo perdido” (p. 69). *Boitempo*, na coerência que a mineração dá à obra do poeta, mostra-se não um texto de desistência do radicalismo da juventude, mas sim um texto em que, em um estilo tardio, de reavaliação e de realização dos caminhos da história e de sua própria obra, relê e reescreve a partir do presente toda uma trajetória. É um balanço do ser e do saudosismo da infância, como apontado por Santiago, mas também do ser no mundo, do que foi possível (e do que não foi possível) atingir e transformar durante a vida.

Outro momento em que a hipótese de leitura de Wisnik sobrepõe-se à fortuna crítica do poeta é a leitura que o crítico oferece do poema “A máquina do mundo” (*Claro enigma*, 1951). A leitura deste poema é ponto alto de grande parte dos trabalhos já feitos sobre a obra de Drummond, o que leva o crítico a oferecer a sua própria abordagem. A importância do poema se daria tanto pela complexidade e obliquidade com que se desenvolve em diálogo com a tradição, como também pelos *topoi* recorrentes da própria

obra drummondiana, que aparecem nas suas estrofes. Lido geralmente por um viés simbólico, não é de se estranhar que as alusões deste poema à mineração e a Itabira costumem passar despercebidas em suas leituras. Wisnik, entretanto, oferece uma leitura cerrada que recoloca a mineração como uma de suas possíveis linhas interpretativas e reconecta, mais uma vez, memórias e tempos conflitantes; mostrando, no que se revela o grande achado do seu livro, como a mineração qualifica o memorialismo do poeta.

Para Wisnik, o encontro com a máquina do mundo, descrito no poema, não precisa ser lido como um encontro no presente, mas pode ser visto como um encontro que contém diferentes temporalidades e que se estende também pelo tempo da lembrança; como um encontro entre os tempos marcados do relógio, ou do passo que ecoa na calçada dura das ruas de Itabira, com o tempo do som contínuo do sino que abre o poema e nos carrega para além do tempo presente e para dentro do universo da memória involuntária. Estar diante da máquina do mundo, torna-se, assim, mais do que um simples encontro com o tal objeto mítico, uma volta ao passado, um momento de (auto)reflexão que, entre outras coisas, como apontado ao longo do livro de Wisnik, engloba a cidade natal e a presença do mundo nela. Não por acaso, o poema foi escrito exatamente quando o poeta percebia o avanço da modernização sobre sua cidade, assim como o avanço de sua cidade pelo mundo, através dos crescentes tentáculos da companhia Vale do Rio Doce. A já conhecida solidão cósmica do poeta da “Máquina do mundo”, agora contraposta ao desejo extrativista da máquina capitalista, ganha relevo, adiantando a recusa que ele protagonizará algumas linhas adiante.

A leitura de Wisnik segue focando naquilo que a máquina do mundo teria, ao abrir-se, a oferecer; e naquilo que, em seguida, o poeta recusa receber. Enquanto Alfredo Bosi (1988, p. 90), por exemplo, enxerga nessa máquina, não sem razão, uma alegoria de uma história abstrata e desumana na qual o sujeito é apagado, – “uma sucessão de atributos que se perfilam em sua máxima generalidade” –, Wisnik reconecta a máquina do mundo com as próprias memorações do poeta, no vai e vem já mencionado entre memória individual e realidade histórica, entre infância e mineração. O mundo que se abre para o poeta se abre primeiro na própria Itabira, onde estrangeiros chegam para comprar terras e onde máquinas abrem, aos poucos, uma fissura real (e lucrativa) na paisagem. A máquina engloba, assim, o poder técnico destrutivo que adianta – considerando, quando da escritura do poema, o desaparecimento do pico do Cauê –, assim como prevê, os desastres ambientais – derramamentos de petróleo, ou

de dejetos da própria mineração, como ocorrido em Mariana em 2015 e Brumadinho em 2019 – que se tornaram tão comuns em todo o mundo nos últimos anos. No contínuo do soar do sino, veem-se assim as promessas de empregos e melhoras trazidas pela mineração, contrapostas, sempre, ao concreto e impiedoso desaparecimento de um mundo e à exploração do homem pelo homem, bem como da terra pelo homem. Isto é, segundo Wisnik (p. 213), vemos “a tecnociência contemporânea e os dispositivos de dominação e exploração do mundo agindo sobre todas as esferas objetivas e subjetivas da existência”.

Parte do que a mitológica máquina oferece ao poeta é o vislumbrar da distopia na utopia modernizante que ficara clara em Itabira, talvez antes do que no resto do Brasil, ou mesmo do mundo. O acaso do encontro da sensibilidade do poeta com o que havia de mais avançado no capitalismo do período constrói um poema de grande complexidade. Recolocar o drama nascente da mineração em “A máquina do mundo” dá novo sentido à famosa recusa do poeta, assim como ao seu caminhar melancólico pela estrada da vida. Novamente, o ensimesmamento e a melancolia de Drummond revelam-se não somente frutos de crises existenciais, ainda que certamente também sejam isto; eles se mostram, igualmente, reflexos de desafios e tragédias concretas que, aos poucos, o poeta descobre serem maiores do que suas próprias forças. São tragédias que, de certa forma, pertencem ao futuro, mas que, antevistas, fazem da sua melancolia uma quase obrigação.

A trama do livro, assim, partindo do achado crítico de Wisnik – da importância da mineração em Drummond –, desdobra-se sobre a fortuna crítica daquele que é um dos poetas brasileiros mais complexos. Ao propor ainda um olhar para a gênese da sua própria descoberta, Wisnik convida o leitor a pensar não só o lugar do mundo na poesia de Drummond, mas também no próprio livro que o crítico escreve. Ele vê na poesia a violência da técnica que devasta e aponta para os horrores que ainda viriam, nos alertando que, agora, já estão aqui. Ao encontrar uma espécie de estrutura sentimental à la Raymond Williams, o crítico lembra que escreve a sua crítica pouco tempo após um dos maiores desastres ecológicos já ocorridos no Brasil; do assassinato de todo um ecossistema. Não por acaso, o rompimento da barragem da mineradora Samarco, um braço da própria Vale do Rio Doce (agora Vale S.A.), uma companhia cuja origem geográfica foi apagada pelo capitalismo financeiro, mas cujos danos continuam reais, paira sobre o livro. Algo previsto, ainda que de forma embrionária, no desaparecimento do Pico do Cauê, descrito pelo poeta e recuperado pelo crítico.

Investigar o tema da mineração, assim como as premonições distópicas de Drummond, oferecidas sempre em muitas camadas, é um alerta do crítico a uma realidade que caminha para sua própria aniquilação e que parece não conhecer oposição além do ensimesmamento e da resignação demonstrados pelo poeta. É um aviso de que nada, nem mesmo as montanhas, nem mesmo a floresta Amazônica, estão a salvo. Menos de um ano após a publicação do livro de Wisnik e de sua revisão crítica e histórica de Drummond e da própria mineração à luz do desastre da Samarco em Mariana, a violência da mineração e do capitalismo extrativista voltou a revelar sua força em Brumadinho, a pouco mais de 150 quilômetros de Itabira e Mariana. A mesma Vale repete o que ela faz desde a sua fundação: busca o seu lucro e aniquila o que for preciso para consegui-lo, preocupando-se com suas vítimas, quando muito, somente após o desastre. Desastre, entretanto, anunciado, como deixa claro Wisnik no seu livro. Com um saldo ainda maior de mortos, além de morto outro rio, com sua fauna e flora completamente aniquilados, outro *ecocídio*, a história se repete antes de conseguirmos entendê-la, nos fazendo perguntar por que não demos atenção antes aos avisos do poeta; nos fazendo questionar se não chegou o momento em que, talvez, somente o radicalismo ambiental, uma completa inversão do que entendíamos por progresso, ainda possa nos salvar. O livro de Wisnik, diante de tanta destruição, tenta recolocar a crítica em contato com a realidade do mundo e da nossa própria destruição, buscando uma nova leitura do poeta maior da literatura brasileira. Diante de tanta violência, entretanto, é difícil não se sentir melancólico e ensimesmado como o poeta. É difícil não achar que o embate já foi perdido, e que o céu já começou a desabar.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. A máquina do mundo entre o símbolo e a alegoria. In: *Céu, Inferno: ensaios de crítica literária e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988, pp. 80-102.
- SANTIAGO, Silviano. O poeta enquanto intelectual. In: Vários Autores. *Carlos Drummond de Andrade: 50 anos de Alguma poesia*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1981, pp. 43-57.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa em um volume*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

Recebido: 8/11/2018

Aceito: 31/01/2019

Publicado: 24/06/2019